

# PAPA FRANCISCO



# Bom Ano

---

Reflexões diárias de Sua Santidade  
sobre importantes temas  
como a vida, a esperança, o perdão,  
o afeto e a compaixão.

---



FAROL

# Índice

Janeiro » 11

Fevereiro » 43

Março » 71

Abril » 103

Maio » 133

Junho » 165

Julho » 195

Agosto » 227

Setembro » 259

Outubro » 289

Novembro » 321

Dezembro » 351

# JANEIRO

## *Afeto*

### 1

#### Deus traz a humanidade agarrada a Ele

O Ano tem início sob o nome da Mãe de Deus. *Mãe de Deus* é o título mais importante de Nossa Senhora. Mas poderia surgir a questão: porque dizemos *Mãe de Deus*, e não *Mãe de Jesus*? Alguns, no passado, pediram para nos cingirmos a isto, mas a Igreja afirmou: Maria é Mãe de Deus. Devemos estar-lhe agradecidos, porque, nestas palavras, se encerra uma verdade esplêndida sobre Deus e sobre nós mesmos, ou seja: desde que o Senhor Se encarnou em Maria — desde então e para sempre —, traz a nossa humanidade agarrada a Ele. Já não há Deus sem homem: a carne que Jesus tomou de sua Mãe continua ainda agora a ser d’Ele e sê-lo-á para sempre. Dizer «*Mãe de Deus*» lembra-nos isto: Deus está perto da humanidade como uma criança da mãe que a traz no ventre.

A palavra *mãe* (*mater*) remete também para a palavra *matéria*. Em sua Mãe, o Deus do céu, o Deus infinito, fez-Se pequenino, fez-Se matéria, não só para estar *connosco*, mas também para ser *como nós*. Eis o milagre, eis a novidade: o homem já não está sozinho; nunca mais será órfão, é para sempre filho. O Ano tem início com esta novidade.

*Homilia*, 1 de janeiro de 2018

## 2

### Há coisas que não se improvisam

Na leitura do Evangelho (*Mt* 25, 1–13), faz-se notar que as virgens que não tinham azeite foram à povoação comprá-lo. No momento crucial da sua vida, deram-se conta de que as suas lâmpadas estavam vazias, de que lhes faltava o essencial para encontrar a estrada da autêntica alegria. Estavam sozinhas e assim ficaram, sozinhas, fora da festa. Como bem sabem, há coisas que não se improvisam nem se compram. A alma de uma comunidade mede-se pelo modo como consegue unir-se para enfrentar os momentos difíceis, de adversidade, para manter viva a esperança. Com esta atitude, dais o maior testemunho evangélico. Diz-nos o Senhor: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.» (*Jo* 13, 35)

*Homília*, 20 de janeiro de 2018

## 3

## O amor, a fé e o dialeto

Nunca esqueçais, irmãos e irmãs: a fé transmite-se em dialeto! O dialeto do lar, o dialeto da vida doméstica, da vida em família. Pensai nos sete irmãos Macabeus, como a mãe falava com eles em «dialeto», ou seja, aquilo que eles tinham aprendido desde criança sobre Deus. É mais difícil receber a fé — é possível fazê-lo, mas é mais difícil — se não foi recebida na língua materna, no lar, em dialeto. Estou tentado a falar de uma experiência minha, de criança... Vou contá-la, pode ser útil. Lembro que uma vez — eu teria uns 5 anos — entrei em casa e ali, na sala de jantar, o meu pai, que chegara do trabalho naquele momento, antes de mim, beijava a minha mãe. Nunca me esqueço! Que coisa bonita! Cansado do trabalho, mas teve a força de expressar o amor pela sua mulher! Que os vossos filhos vos vejam assim, que vos acaricias, vos beijais, vos abraçais; isto é belíssimo, porque aprendem assim este dialeto do amor, e a fé, neste dialeto do amor.

*Homilia*, 25 de agosto de 2018

4

«Pai nosso»... e sejamos família

Sempre que fazemos o sinal da cruz no princípio do dia e antes de cada atividade importante, sempre que dizemos «Pai nosso», reapropriamo-nos das raízes que nos servem de fundamento. Precisamos de o fazer nas nossas sociedades frequentemente desenraizadas. O «Pai nosso» revigora as nossas raízes. Quando o Pai está presente, ninguém fica excluído; o medo e a incerteza não levam a melhor. Prevalece a memória do bem porque, no coração do Pai, não somos personagens virtuais, mas filhos amados. Ele não nos une em grupos de partilha, mas regenera-nos juntos, como família.

*Homilia, 21 de junho de 2018*

## 5

## Onde está a mãe, o medo não vence

A Mãe guarda a fé, protege as relações, salva nas intempéries e preserva do mal. Onde Nossa Senhora é de casa, o diabo não entra. Onde Nossa Senhora é de casa, o diabo não entra. Onde está a Mãe, a perturbação não prevalece, o medo não vence. Quem de nós não precisa disto? Quem de nós não se sente às vezes perturbado ou inquieto? Quantas vezes o coração é um mar em tempestade, onde as ondas dos problemas se amontoam e os ventos das preocupações não cessam de soprar! Maria é a arca segura no meio do dilúvio. Não serão as ideias ou a tecnologia a dar-nos conforto e esperança, mas o rosto da Mãe, as suas mãos que acariciam a vida, o seu manto que nos abriga. Aprendamos a encontrar refúgio, indo todos os dias junto da Mãe.

*Homília, 28 de janeiro de 2018*

## 6

### Quereis ir com solicitude ao encontro de Jesus ou gostaríeis de o eliminar?

O Evangelho (cf. *Mt* 2, 1–12) apresenta-nos três atitudes com as quais foram acolhidas a vinda de Cristo Jesus e a sua manifestação ao mundo. A primeira atitude: *busca*, *busca amorosa*; a segunda: *indiferença*; a terceira: *medo*.

*Busca amorosa*: os Magos não hesitam em pôr-se a caminho para procurar o Messias. Tendo chegado a Jerusalém perguntam: «Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo (v. 2). Fizeram uma longa viagem e agora, com grande *solicitude*, procuram encontrar onde pode estar o Rei recém-nascido.

A esta busca amorosa dos Magos contrapõe-se a segunda atitude: a *indiferença* dos sumos sacerdotes e dos escribas. Estes não se incomodavam. Conheciam as Escrituras e eram capazes de dar a resposta certa sobre o lugar do nascimento: «Em Belém da Judeia; porque assim está escrito pelo profeta» (v. 5); sabem, mas não se dão ao trabalho de ir visitar o Messias. E Belém está à distância de poucos quilómetros, mas eles não se movem.



Ainda mais negativa é a terceira atitude, a de Herodes: o medo. Ele tem *medo* de que aquele Menino o prive do poder. (...) E também nós podemos pensar e escolher: qual das três assumir? Quero ir com solicitude ao encontro de Jesus? Ou tenho medo de Jesus e no meu coração gostaria de o eliminar?

*Angelus*, 6 de janeiro de 2018

7

Descobri a graça da fraternidade

Depois de ter celebrado a Páscoa, sentimos a necessidade de nos reunirmos ainda com os entes queridos e com os amigos, para festejarmos. Porque *a fraternidade* é o fruto da Páscoa de Cristo, que, mediante a sua morte e Ressurreição, derrotou o pecado que separava o homem de Deus, o homem de si mesmo, o homem dos seus irmãos. Mas nós sabemos que o pecado separa sempre, cria sempre inimizades. Jesus abateu o muro da divisão entre os homens e restabeleceu a paz, começando a tecer a rede de uma nova fraternidade. Neste nosso tempo, é muito importante voltar a descobrir a fraternidade, do modo como ela era vivida nas primeiras comunidades cristãs. Redescobrir como dar espaço a Jesus, que nunca separa, une sempre. (...) Sem a partilha fraterna, não se pode realizar uma comunidade eclesial ou civil: existe apenas um conjunto de indivíduos movidos ou reagrupados pelos próprios interesses. Mas a fraternidade é uma graça que Jesus concede.

*Regina Caeli*, 2 de abril de 2018

## 8

## Tudo está relacionado

Quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada nem ninguém fica excluído desta fraternidade. Portanto, é verdade também que a indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acaba, de alguma forma, por se repercutir no tratamento que reservamos aos outros seres humanos. O coração é um só, e a própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas. Todo o encarniçamento contra qualquer criatura «é contrário à dignidade humana». (...) Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão Sol, à irmã Lua, ao irmão rio e à mãe terra.

*Laudato si'*, 92

## 9

## A vitamina da família faz-nos crescer fortes

Quando as crianças crescem sozinhas, não por má vontade dos progenitores, mas porque há o trabalho, a necessidade do trabalho... sim, aprenderão muitas coisas, mas a confiança que a mãe e o pai ou os avós lhes ensinam, a sabedoria de vida que se aprende desde criança e aquela que se oferece em casa, aquela que nos tornará fortes, é aquela «em dialeto». Vive-se o dialeto de casa. Sim, na escola aprendem-se muitas coisas, coisas boas, valores, mas os princípios de base aprendem-se «em dialeto», transmitem-se «em dialeto». É importante que se procure a forma de ajudar os pais para que possam falar com os filhos. Um pai dizia-me um dia: «Quando saio para ir trabalhar, de manhã, os miúdos estão a dormir. Quando regresso, à noite, estão a dormir.» E só fala com eles ao domingo. Mas esta cultura é assim: é escravagista, e o trabalho toma a vida inteira. Por isso é importante que na família entrem os avós, que ajudem o pai e a mãe a estar presentes com as crianças, que estas não cresçam sozinhas. Não para fazerem coisas más. Não, não. Assim crescerão fracos. É um problema de «vitamina»! É o problema da vitamina que a família dá, que nos faz crescer fortes.

*Encontro com pais em Tor de' Schiavi, 6 de maio de 2018*

## 10

## Dai-me a graça da ternura!

A resposta do cristão não pode ser diferente daquela que Deus dá à nossa pequenez. A vida é enfrentada com bondade, com mansidão. Quando nos damos conta de que Deus está apaixonado pela nossa pequenez, que Ele próprio se torna pequeno para melhor vir ao nosso encontro, não podemos não abrir o nosso coração e suplicar-Lhe: «Senhor, ajudai-me a ser como vós, dai-me a graça da ternura nas circunstâncias mais duras da vida, dai-me a graça da proximidade face a qualquer necessidade, da amenidade em qualquer conflito.»

*Homília, 24 de dezembro de 2014*

## 11

### Sede guardiões dos dons de Deus

É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e de cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração. É cuidar uns dos outros na família: os esposos guardam-se reciprocamente, depois, como pais, cuidam dos filhos, e com o passar do tempo, os próprios filhos se tornam guardiões dos pais. É viver com sinceridade as amizades, que são um guardar-se mutuamente na intimidade, no respeito e no bem. Fundamentalmente, tudo está confiado à guarda do homem, e é uma responsabilidade que nos diz respeito a todos.

Sede guardiões dos dons de Deus!

*Homilia*, 19 de março de 2013

## 12

## Que o teu amor não seja sentimentalismo

Qual é a lei do Povo de Deus? É a lei do amor, amor a Deus e amor ao próximo, segundo o mandamento novo que o Senhor nos deixou (cf. *Jo* 13, 34). Mas trata-se de um amor que não é sentimentalismo estéril nem algo de vago, mas o reconhecimento de Deus como único Senhor da vida e, ao mesmo tempo, o acolhimento do outro como verdadeiro irmão, superando divisões, rivalidades, incompreensões e egoísmos; são dois elementos que caminham juntos. Quanto caminho ainda temos de percorrer para viver concretamente esta nova lei, a do Espírito Santo que age em nós, a da caridade, do amor! (...)

Devemos pedir ao Senhor que nos faça compreender bem esta lei do amor. Como é lindo amarmo-nos uns aos outros, como verdadeiros irmãos. Como é lindo!

*Audiência Geral*, 12 de junho de 2013

## 13

### «Por mim!»

Jesus entregou-se voluntariamente à morte para corresponder ao amor de Deus Pai, em união perfeita com a sua vontade, para demonstrar o seu amor por nós. Na cruz, Jesus «amou-me e entregou-se a si mesmo por mim» (Gl 2, 20). Cada um de nós pode dizer: amou-me e entregou-se por mim. Cada um pode dizer este «por mim».

O que significa tudo isto para nós? Significa que este é também o meu, o teu, o nosso caminho. Viver seguindo Jesus não só com a comoção do coração; viver seguindo Jesus quer dizer aprender a sairmos de nós mesmos (...) para ir ao encontro dos outros, para ir às periferias da existência, sermos os primeiros a ir ao encontro dos nossos irmãos e irmãs, sobretudo dos mais distantes, de quantos estão esquecidos, dos que têm mais necessidade de compreensão, conforto e ajuda. Há muita necessidade de levar a presença viva de Jesus misericordioso e rico de amor!

*Audiência Geral, 27 de março de 2013*



## 14

## A Mãe não se envergonha dos filhos

Quando lhe rogamos, Maria roga por nós. Há um lindo título em grego — *Grigorusa* — que significa «Aquele que intercede prontamente». E este «prontamente», é o que Lucas usa no seu evangelho para nos dizer como é que Maria foi visitar Isabel: depressa, imediatamente! Intercede prontamente, não demora, como ouvimos no Evangelho, onde imediatamente leva a Jesus a necessidade concreta daquelas pessoas: «Não têm vinho» (Jo 2, 3), e não acrescenta mais nada! Assim faz, sempre que a invocamos: quando nos falta a esperança, quando escasseia a alegria, quando se esgotam as forças, quando se obscurece a estrela da vida, a Mãe intervém. Está atenta ao cansaço, sensível às turbulências — as turbulências da vida —, próxima do coração. E nunca, nunca despreza as nossas orações; não deixa perder-se uma sequer. É Mãe, nunca se envergonha de nós; antes, só espera poder ajudar os seus filhos.

*Homília*, 28 de janeiro de 2018

## 15

### Deus conosco e nosso pai

O que Deus quer não é tanto revelar-nos que Ele existe, mas, ao contrário, que é o «Deus conosco», próximo de nós, que nos ama, que caminha conosco, se interessa pela nossa história pessoal e cuida de cada um de nós, a partir dos mais pequeninos e necessitados. Ele «é Deus em cima no céu», mas também «em baixo, na terra» (*Dt* 4, 39). Portanto, não acreditemos numa entidade distante, não! Numa entidade indiferente, não! Mas, pelo contrário, no Amor que criou o universo e gerou um povo, se fez carne, morreu e ressuscitou por nós, e como Espírito Santo tudo transforma e leva à plenitude.

São Paulo (cf. *Rm* 8, 14–17), que experimentou pessoalmente esta transformação realizada por Deus-Amor, comunica-nos o seu desejo de ser chamado Pai, aliás «Pai» — Deus é «nosso Pai» —, com a total confiança de uma criança que se abandona nos braços de quem lhe deu a vida.

*Angelus*, 27 de maio de 2018

## 16

## Deus não nos conhece em grupo

O Senhor é meu pastor. O Senhor manifesta-se ao seu povo também como pastor.

Mas como age o Senhor como pastor? «Como o pastor se preocupa com o seu rebanho, quando se encontra entre as ovelhas dispersas, assim me preocuparei Eu com o meu. Reconduzi-lo-ei de todas as partes por onde tenha sido disperso» (Ez 34, 12). Reconduzi-lo quer dizer que as conhece a todas, mas pelo seu nome. Reconduzi-las. E Jesus diz-nos o mesmo: conheço as minhas ovelhas. Conhece-as uma a uma, pelo seu nome. Assim nos conhece Deus: não nos conhece em grupo, mas um a um. Porque o amor não é um amor abstrato ou geral para todos; é um amor por cada um. E assim nos ama Deus. Torna-se próximo por amor e caminha com o seu povo. E este caminhar chega a um ponto inimaginável: mas poderia pensar-se que o próprio Senhor se torna um de nós e caminha connosco e permanece connosco, permanece na sua Igreja, permanece na eucaristia, permanece na sua palavra, permanece nos pobres e permanece connosco a andar. Esta é a proximidade. O pastor próximo do seu rebanho, das suas ovelhas, que conhece uma a uma.

*Homilia em Santa Marta, 7 de junho de 2013*

## 17

### Somos cópia, imagem de Deus

A imagem de Deus é o casal no matrimónio: o homem e a mulher; não só o homem, não somente a mulher, mas os dois juntos. Esta é a imagem de Deus: o amor, a aliança de Deus connosco, está representado na aliança entre o homem e a mulher. Isto é muito bonito! Somos criados para amar, como reflexo de Deus e do seu amor. Na união conjugal o homem e a mulher realizam esta vocação no sinal da reciprocidade e da comunhão de vida plena e definitiva.

Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do Matrimónio, Deus, por assim dizer, «espelha-se» neles, imprime neles as suas características e o carácter indelével do seu amor. O matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós.

*Audiência Geral*, 2 de abril de 2014

## 18

## Abençoi os vossos filhos!

Que poderá haver de mais belo, para um pai e uma mãe, do que *abençoar os seus filhos* ao início do dia e na sua conclusão? *Fazer na sua frente o sinal da cruz*, como no dia do Batismo? Não será esta, porventura, a oração mais simples que os pais fazem pelos seus filhos? Abençoa-los, isto é, confiá-los ao Senhor, como fizeram Elcana e Ana, José e Maria, para que seja Ele a sua proteção e amparo nos vários momentos do dia? Como é importante, para a família, encontrar-se também para um breve momento de *oração antes de tomarem as refeições juntos*, a fim de agradecer ao Senhor por estes dons e aprender a partilhar o que se recebeu com quem está mais necessitado. Trata-se sempre de pequenos gestos, mas expressam o grande papel formativo que a família possui na peregrinação de todos os dias.

*Homília*, 28 de dezembro de 2015

## 19

### A ciência das carícias

O Senhor ama-nos com ternura. O Senhor conhece a bela ciência das carícias. A ternura de Deus: não nos ama com palavras; aproxima-se e, na sua proximidade, dá-nos o seu amor com toda a ternura possível. Proximidade e ternura são as duas formas do amor do Senhor, que se aproxima de nós e nos dá todo o seu amor, mesmo nas coisas mais pequenas, com ternura.

No entanto, trata-se de um amor forte. Porque proximidade e ternura nos fazem ver a força do amor de Deus. Mas como podemos nós devolver ao Senhor tantas coisas belas, tanto amor, esta proximidade, esta ternura? Podemos dizer: Sim, amando-O, tornarmo-nos próximos Dele, ternos com Ele. Sim, isto é verdade, mas não é a coisa mais importante. Pode parecer heresia, mas é a maior verdade: mais difícil do que amar Deus é deixar-se amar por Ele! É esta a forma de Lhe devolver tanto amor: abrir o coração e deixar-se amar. Deixar que Ele se torne próximo de nós e senti-Lo próximo. Deixar que Ele se torne terno, nos acaricie. Isto é muito difícil: deixar-se amar por ele.

*Homilia em Santa Marta, 7 de junho de 2013*

## 20

## Maria é como Deus nos quer

Maria é como Deus nos quer, como quer a sua Igreja: Mãe terna, humilde, pobre de coisas e rica de amor, livre do pecado, unida a Jesus, que guarda Deus no coração e o próximo na vida.

Para recomeçar, ponhamos os olhos na Mãe. No seu coração, bate o coração da Igreja. Para avançar — diz-nos a festa de hoje —, é preciso recuar: recomeçar do presépio, da Mãe que tem Deus nos braços.

A devoção a Maria não é galanteria espiritual, mas uma exigência da vida cristã. Olhando para a Mãe, somos encorajados a deixar tantas bagatelas inúteis e a reencontrar aquilo que conta. O dom da Mãe, o dom de cada mãe e cada mulher é tão precioso para a Igreja, que é mãe e mulher. E, enquanto o homem muitas vezes abstrai, afirma e impõe ideias, a mulher, a mãe, sabe guardar, fazer a ligação no coração, vivificar. Porque a fé não se pode reduzir apenas a ideia ou a doutrina; precisamos, todos, de um coração de mãe que saiba guardar a ternura de Deus e ouvir as palpitações do homem. A Mãe, autógrafa de Deus sobre a humanidade, guarde este Ano e leve a paz de seu Filho aos corações, aos nossos corações, e ao mundo inteiro.

*Homilia*, 1 de janeiro de 2018

«O amor é o sonho de Deus para nós  
e para a família humana inteira. Por favor, nunca o esqueçais!  
Deus tem um sonho para nós e pede-nos para o assumirmos.  
Não tenhais medo deste sonho! Sonhai alto!  
Guardai-o e, juntos, sonhai-o de novo todos os dias.»

O Papa Francisco deixa-nos mais um livro de considerações profundas e que se torna, também, um convite à nossa própria reflexão.

Seja para ler ao longo do ano, consultando-o à medida que os dias passam; seja para ler sem interrupção, aqui encontra a visão e as reflexões de Sua Santidade sobre o afeto, a paciência, a luta, a vida, a alegria, a confiança, o descanso, o perdão, a compaixão, o caminho e a esperança.

Nos tão agitados dias de hoje, encontre aqui o caminho que anseia para alcançar a paz e a tranquilidade que só o diálogo com Deus consegue proporcionar.

UM CONVITE À REFLEXÃO  
TODOS OS DIAS DO ANO



**FAROL**  
a luz da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-674-1



9 789896 686741

Religião